

3 A ESCOLA PROJETO



Figura 20 – Fotos das duas unidades da escola. As duas fotos de cima são da Unidade 1. A Unidade 1 teve a fachada reformulada em 2008. As fotos referem-se à unidade 1 antes da reforma. As fotos de baixo referem-se à unidade 2

3.1 HISTÓRIA

A Escola Projeto iniciou suas atividades em 1988, na Rua Paulino Teixeira, nº 394, no bairro Rio Branco, em Porto Alegre. Organizou-se como instituição em uma moradia que foi adaptada para ser ocupada com as salas de aula e os diferentes espaços pedagógicos que seriam utilizados com os alunos.

Todas as modificações realizadas otimizaram o espaço existente e tornaram a escola mais adaptada e acessível aos alunos e suas necessidades. O ambiente foi organizado em torno desses referenciais, e está diretamente relacionado com a proposta de oferecer espaços pedagógicos enriquecidos pelos materiais e possibilidades de exploração desses espaços.

Inúmeros motivos levaram as irmãs Bernadete, Elizabeth, Annete e Margareth a fundarem a escola Projeto. A Escola é uma sociedade formada pelas

três professoras citadas e Margareth, que não é educadora, permaneceu no começo da escola e depois saiu da sociedade. A partir de depoimentos e entrevistas, percebi que a escola surgiu do encontro de ideais comuns dessas educadoras, baseados no desejo de construção de uma alternativa pedagógica diferenciada.

O que motivou este sonho foi a nossa formação e nossa parceria (três irmãs). Todas tínhamos formação na área (Pedagogia e Letras) e alguma experiência em escolas públicas e particulares. Essa experiência nos mostrou caminhos que queríamos e que não queríamos seguir. Não houve, porém, um fato que tenha nos motivado em especial, mas a partir de determinado momento essa idéia foi se configurando como uma possibilidade para nós (nos entusiasmava a idéia de fazer algo juntas!) Beth Baldi⁴

Elizabeth Baldi, atualmente com 52 anos, era professora da rede estadual em Porto Alegre, licenciada em Pedagogia e com Mestrado em Métodos e Técnicas de Ensino, ambos pela PUCRS. Anete Baldi, tem 44 anos, é formada em Letras, com licenciatura plena em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, pela UFRGS e também é Mestre em Teoria da Literatura, pela PUCRS. (2006). Bernadete, 46 anos, na época era professora de Educação Infantil, licenciada em Pedagogia pela PUC em 1987, e pós-graduada em alfabetização, também pela PUC, em 1989. Bernadete relatou que Anete ganhou uma viagem do pai para Londres em 1988, ao se formar no curso de Letras. A partir dessa situação pediu para ter uma escola, pois como ele tinha financiado a viagem da irmã, ela achava que tinha que ter algo similar; assim pediu para ganhar uma parte da sociedade de uma escola. Na entrevista, Bernadete afirmou que solicitou isso ao pai: “Eu quero pra mim um Jardim de Infância!”

Foi assim que Bernadete adquiriu experiência como empresária na escola Hotelzinho, localizada bem próxima ao endereço onde hoje se encontra a unidade 1 da Escola Projeto. Essa escolinha⁵ era, na época, de sua ex-cunhada. Bernadete trabalhou como administradora dessa escola por um tempo. Durante este período, segundo ela, conheceu aspectos importantes sobre a administração de uma escola infantil. Nessa época, ela trabalhava também na Escola Israelita enquanto Elizabeth

⁴ Todos os depoimentos obtidos nessa pesquisa foram organizados a partir de entrevistas realizadas em março de 2007 e agosto de 2008; foi realizado em vídeo com Saionara Fortunato, Elizabeth Baldi, Anete Baldi e Bernadete Baldi; com ex alunos, antigos pais e professores foram realizadas apenas entrevistas por email

⁵ Escolinha é um termo utilizado por muitos para referência às Escolas Infantis; foi contra esse tipo de termo, ou seja, uma forma de resistência e contraponto que a Escola Projeto se organizou como instituição escolar, visando romper com essa temática de ver a escola para os pequenos como algo menor.

trabalhava no Estado, como professora do Ensino Fundamental. Beth como é chamada por todos na escola, comentou que antes da Annete viajar elas falaram sobre a possibilidade de montarem uma escola juntas, e Annete inclusive se propôs visitar algumas escolas em Londres. Uma escola visitada foi a escola freqüentada pelas crianças que ela cuidava como baby sitter (All Saints Church of England Primary School). Essa escola está situada no bairro Magpie Hall Road, Chatham Kent. ME4 5JY- Inglaterra. Annete referiu isso na entrevista, quando lembrou:

Além disso, naquele mesmo ano (1988), eu viajei pra Londres e lá visitei a Escola onde as crianças que eu cuidava como *baby sister* estudavam. Era uma escola pequena e muito interessante. Fotografei tudo. Na volta, não lembro exatamente de que forma isso se desencadeou, mas começamos a ter idéias de criar a nossa escola.

Percebo que a experiência de observar uma escola diferente do modelo encontrado aqui no Brasil, assim como as experiências anteriores dessas professoras, fizeram com que o ideal de construir uma escola alternativa eclodisse e tomasse forma, a partir de diferentes ações.

A seguir inseri algumas fotos da escola inglesa citada por Annete. Nessas fotos é possível perceber que o espaço físico, os materiais pedagógicos e temas de estudo revelam uma proposta pedagógica alternativa.

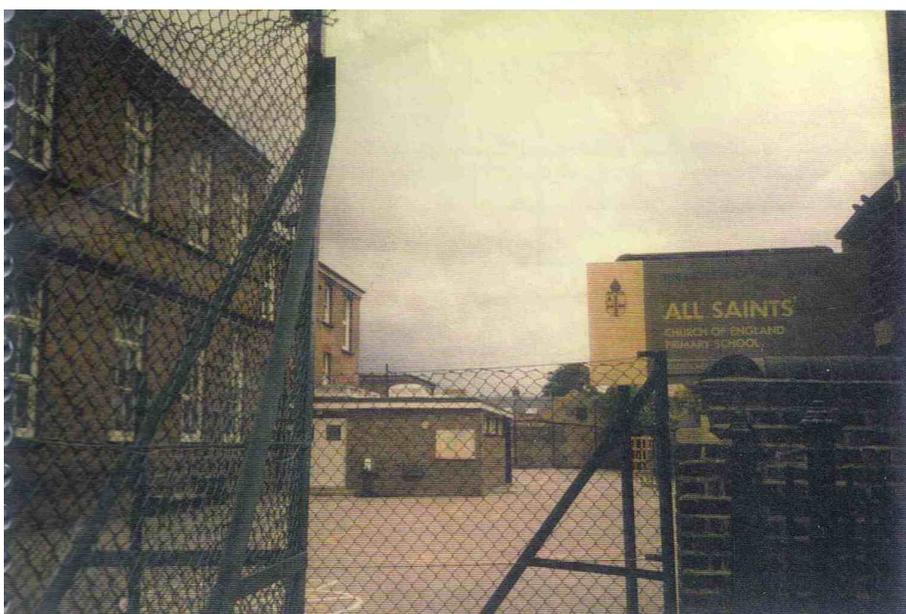


Figura 21 – Entrada da Escola All Saints Church of England Primary School
Os espaços são interativos, representativos das práticas e conteúdos abordados na escola, ricos em detalhes, materiais e estímulos para as

aprendizagens dos alunos. Annete relatou que o modo de organização da escola de Londres influenciou de alguma forma a constituição do projeto pedagógico da Escola Projeto, pois era uma escola bem diferente das escolas daqui.

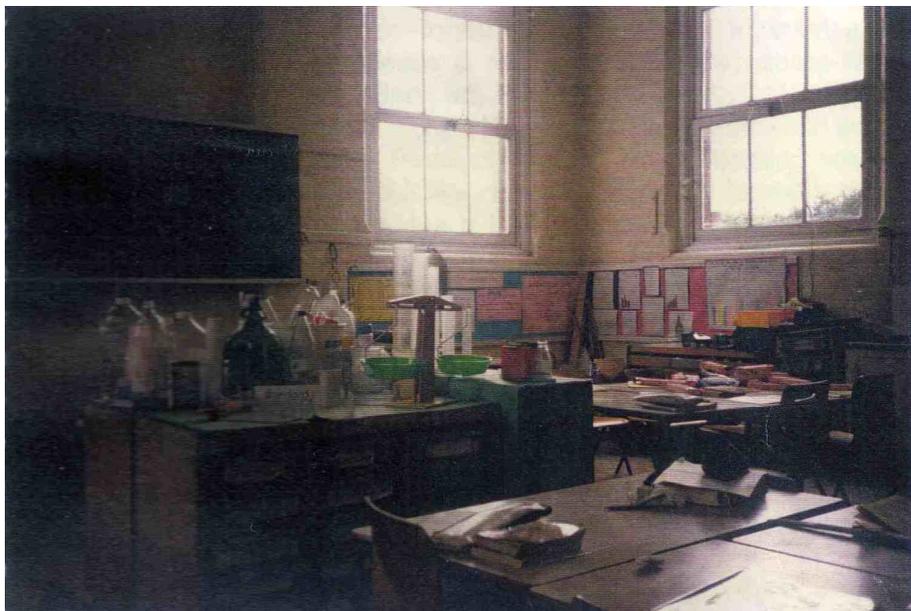


Figura 22 – Sala de aula com materiais interativos

Ela disse que: “havia recantos, era tudo bem diferente, era uma escola bem pequena. Tinham computadores na sala de aula. Sala de artes! Super aconchegantes as salas de aula. Os espaços eram diferentes, as escolas eram diferentes do que se tinha aqui!”

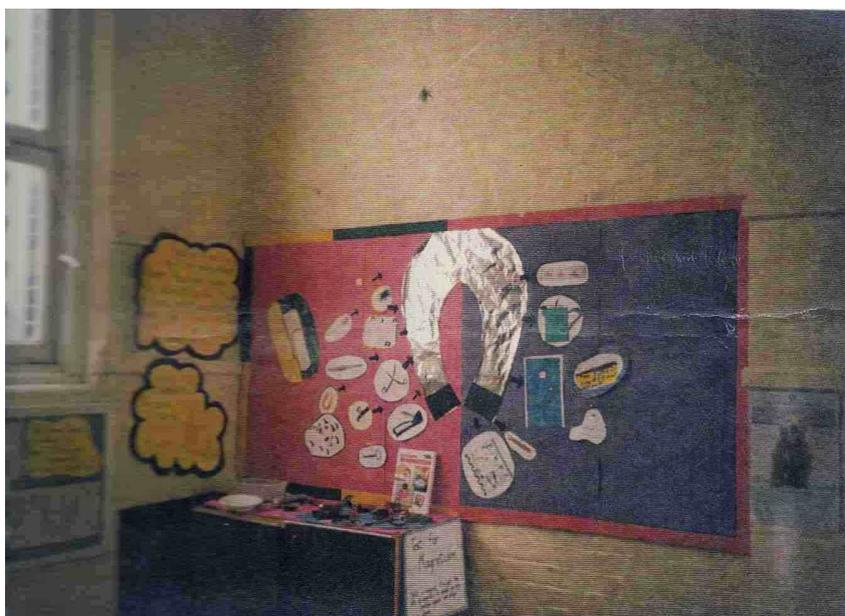


Figura 23 – Sala de aula com painéis explicativos sobre projetos de estudo

Sobre isso Bernadete afirmou: “A gente sabia o que não queríamos! Não queríamos uma escola tradicional, uma escola impessoal! Não queríamos continuar

com todo esse ranço! Nos agarramos no trabalho da Madalena Freire! Utilizamos o livro *A paixão de conhecer o mundo*”.

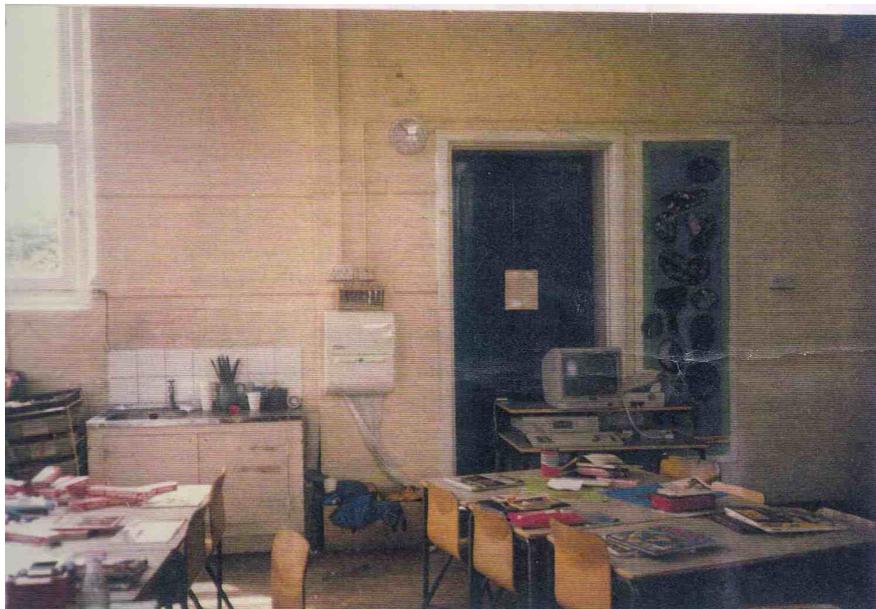


Figura 24– Sala de aula com computador e mesas para trabalhos em grupo

Annete comentou sorrindo: “Aquilo era uma bíblia!”

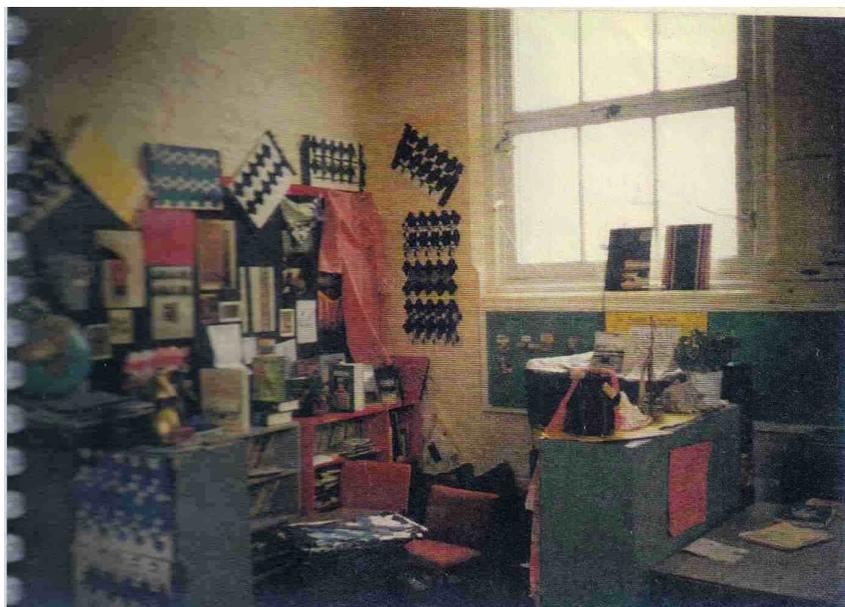


Figura 25 – Diferentes espaços pedagógicos na sala de aula

Para a construção dos primeiros momentos da Escola Projeto, elas se basearam também nas referências da Escola da Vila. Segundo elas a Escola da

Vila⁶ era uma referência da qual procuravam se aproximar em função de acreditarem ser semelhante aos ideais que tinham de educação. “Para nós, essa era uma escola ideal”, afirmou Annete.

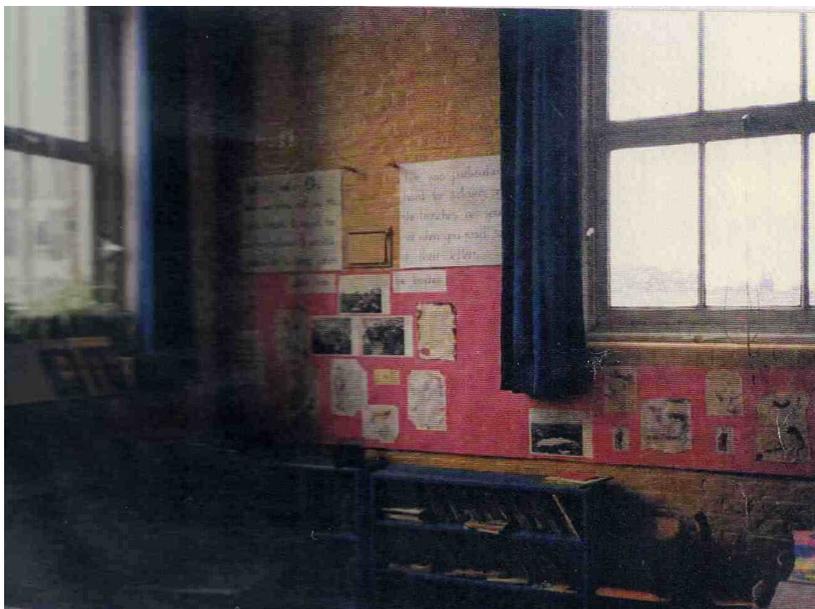


Figura 26 – Prateleiras de livros e painéis de estudos

“Já em 1990, fomos à Escola da Vila apresentar um trabalho em um Simpósio de Educação. O vínculo com essa escola foi sempre muito forte”, comentou Beth.

A Escola da Vila, nessa época estava nos seus primeiros anos de existência, mas, já despontava como uma referência em relação ao ensino inovador no Brasil. Uma das pessoas que contribuiu com a divulgação do trabalho realizado nessa escola foi Madalena Freire. A partir da publicação de seu livro “A paixão de conhecer o Mundo”, em 1983, no qual ela socializou suas reflexões acerca do ensino e da aprendizagem de seus alunos, tendo como referenciais básicos os conceitos piagetianos.

É possível observar que as ações de constituição da escola iniciaram nas sessões de estudo para a montagem do referencial teórico. Para implementar essas ações, as futuras dirigentes começaram a se reunir para montar o projeto pedagógico da escola. Faziam reuniões na casa da Beth, nos sábados de manhã. Durante um semestre estudaram os fundamentos teóricos, leram diferentes autores

⁶ A Escola da Vila é uma escola particular de São Paulo que começou a atuar em 1980 e tem um currículo voltado para o desenvolvimento integral dos alunos. “Em seus mais de 25 anos de existência, ampliou o atendimento escolar até o Ensino Médio e construiu um projeto pedagógico que se concretiza com bases conceituais sólidas, por meio de uma metodologia e currículo abertos às atualizações que os desenvolvimentos socioculturais pressupõem”. Retirado do site <http://www.vila.com.br>

para delinear o que seriam os fundamentos filosóficos e pedagógicos e assim montar o referencial teórico.

A partir destes estudos montaram um documento que foi chamado de Proposta Pedagógica, a qual é analisada nessa pesquisa. A escola pode ser vista então como um espaço que atua em âmbitos teóricos e práticos, constituindo práticas pedagógicas que oportunizam o intercâmbio de informações e de construção de conhecimento pelos professores da instituição assim como outros que podem acessar essas informações.

Os autores utilizados como base para a elaboração do documento referência estão citados na bibliografia da escola⁷. E o que é muito relevante e significativo do ponto de vista da formação do referencial teórico é o que Beth afirmou: “estávamos escrevendo sobre isso”!

As três irmãs queriam que o projeto pedagógico fosse diferenciado e para isso realizaram reuniões sistematicamente, ao longo de um semestre. “Todos os sábados de manhã passávamos a manhã estudando! Era um sacrifício! Todas trabalhavam!” e, segundo Bernadete, isso era um esforço para todas.

Esse aspecto do estudo e aprofundamento teórico foi muito significativo, desde o início da escola, explicitado nos depoimentos e na forma como ela se constituiu. Segundo Annete, a demanda fundamental, que foi determinante na formação da escola, foi o estudo. “Tivemos que estudar muito para nos prepararmos⁸ no sentido administrativo, de legislação e, principalmente, pedagógico”.

As irmãs eram educadoras e criaram a Escola Projeto para realizar práticas pedagógicas diferenciadas. Essa necessidade surgiu da experiência docente anterior e das configurações de diferentes realidades vivenciadas. Segundo Elizabeth Baldi (sócia-proprietária e Vice-Diretora da escola):

Queríamos construir e desenvolver um projeto de educação sério, competente e importante, que fizesse alguma diferença para as crianças que dele participassem. Tivemos desde sempre a idéia de trabalhar de forma mais aprofundada e qualificada com a questão da leitura e o ideal de oportunizar aos alunos experiências de aprendizagem especialmente ricas e significativas em todas as áreas.

⁷ A bibliografia completa da escola se encontra no site <http://www.escolaprojeto.com.br>

⁸ Essa preparação foi registrada em atas de reunião administrativa, as quais são citadas no capítulo sobre o arquivo escolar e a formação continuada; são as atas de reunião de preparação do PPP (anexo A1)

Além disso, um outro aspecto importante que precisa ser considerado foi a experiência escolar que tiveram na infância.

Bernadete relatou que estudou no Instituto de Educação General Flores da Cunha, na década de 1960. Segunda ela, as salas eram um encanto: “Tinha a sala azul, a sala amarela, tinha mini-cozinha! Era maravilhoso! Fantástico! Era uma escola modelo, era um paraíso. Depois fiz magistério lá”.

De alguma forma, conforme colocou, isso teve reflexo na Escola Projeto: “no cuidado que sempre tivemos com os espaços”!

Beth relatou que seu tempo de aluna da escola maternal foi muito bom!

Foi uma experiência muito boa! As professoras dessa época se tornaram dirigentes, estão em cargos, em assessorias, em secretarias. Eram muito competentes, foram para a UFRGS, muito competentes. Essa é a referência que tenho tanto da pré- escola como do primário. Aquela época de ouro do IE! Foi um referencial muito bom!

Annete estudou na escola Chapeuzinho Vermelho, uma escola particular. Era uma escola modelo também. Essa escola era de uma prima do pai delas. Segundo Annete, “tinha histórias e eu gostava de fazer teatro! Fazíamos na escolinha teatro para apresentar aos pais”.

Naquele tempo era comum usar slides para contar histórias às crianças e, segundo Annete, ela preferia a Formiguinha e a Neve. Sua experiência nessa escola foi muito marcante e feliz.

Depois, já na Escola Projeto, segundo ela, esse tipo de material (slides) era muito utilizado como meio de contar histórias. Era uma outra época, em que a concepção do trabalho com leitura estava iniciando e as propostas eram de aproximar as crianças de textos clássicos da literatura infantil através das imagens.

Com certeza os ideais e experiências escolares, foram balizadores das práticas decorrentes. O currículo que foi montado, a forma de avaliação utilizada, o enfoque sistemático de formação continuada, a preocupação e o cuidado com o arquivamento de documentos escolares e o valor que é dado para o planejamento do ensino, demonstram que a escola se baseou em um amplo referencial teórico, capaz de trazer alternativas de sustentação para a implementação das ações visando o alcance dos objetivos dessa utopia.

As motivações para o processo de construção da escola, segundo Elizabeth:

foram as demandas das crianças, que sempre foram as primeiras que nos nortearam; outro aspecto que sempre nos preocupou também foram as demandas dos professores: queríamos sempre (e queremos ainda) ter professores satisfeitos, sentindo-se valorizados e entusiasmados, trabalhando conosco. Acreditamos que isto é 90% do caminho andado!

Em relação a essa colocação, é possível observar, ao longo da pesquisa, que o projeto pedagógico dessa escola previu e concretizou ações de formação em serviço no sentido de garantir que a prática pedagógica fosse construída por equipes orientadas por coordenadores, que atuam no sentido de fazer a mediação do currículo, enquanto um sistema complexo, amplo, em constante transformação. Essa visão de coordenação pedagógica e de sua abrangência me parece ser uma das marcas que as práticas pesquisadas revelaram. Sendo, pois uma preocupação da escola em estar em consonância com os anseios desses professores e com as necessidades dos alunos, cabe à equipe pedagógica então a responsabilidade de montar um trabalho cooperativo que leve em conta essas demandas, traduzindo-as em fonte de ação e numa forma de construção de conhecimentos relacionados à gestão da escola e à formação profissional. Isso fica evidente na colocação:

Acreditamos já ter realizado muito mais do que sonhávamos inicialmente! Até porque o sonho foi ganhando outras idéias, foi se enriquecendo e se ampliando, à medida que as idéias iniciais eram colocadas em prática. Foi se transformando, e continua, a cada dia, a cada ano num novo sonho! E haja gás!!! (Elizabeth Baldi).

O processo de construção da escola foi progressivo, sistemático e coerente com o sentido de uma educação alternativa.

A Escola Projeto nasceu no final do ano de 1988, tendo seu 1º ano letivo em 1989.

Iniciamos com a Educação Infantil (Pré-escola), introduzindo as séries iniciais do Ensino Fundamental a partir do ano de 1992, com a 1ª série, chegando à primeira turma de 4ª série no ano de 1995.

Durante esse tempo, e a partir de uma proposta inicial, o trabalho foi se construindo e sendo enriquecido dia-a-dia, ano a ano, definindo melhor sua cara e seu jeito, a partir da contribuição de vários professores que foram passando pela escola e daqueles que hoje fazem parte da equipe.

O referencial teórico, assim como é a educação e o processo educativo, foi constituído a partir de inúmeras contribuições, de inúmeros autores:

Desde o começo nos pautamos nas idéias de Piaget sobre a construção do conhecimento através da interação com o objeto de conhecimento e das

intervenções desafiadoras do ambiente. Também começamos logo a ler Vygotsky. Paralelamente, buscamos autores que tratavam de questões mais educacionais mesmo, ou seja, que traziam idéias inovadoras para o ensino baseados nestes autores mais fundamentais. Eram eles: Kamii, Josette Jolibert, Ana Teberosky e Emilia Ferreiro, Raths, Freinet, Ana Cristina Rangel, etc. (Elizabeth Baldi).

O currículo escolar foi constituído num sentido emancipatório no que se refere às práticas e concepções de educação. Não seguiu uma linha de ação limitada ou convencional. Em relação a isso, nos diferentes documentos e depoimentos observei uma questão importante. Desde o início da escola, houve a preocupação de enriquecer o currículo escolar e as experiências pedagógicas. Nesse sentido, posso citar a implementação dos Sábados Culturais:

Eram uma forma de oferecer coisas legais para as famílias. Começamos com o projeto Brincando com as palavras. Era um espetáculo teatral baseado num livro. Depois começaram a vir pessoas de fora, do Rio de Janeiro, ampliar o espaço, no circuito normal de atividades culturais. Pensamos em educar os pais, oferecendo coisas diferentes que não estavam no circuito, coisas que não seriam especificamente oferecidas para as crianças, espetáculos diferentes, coisa que não seriam apenas pra crianças, mas que eram coisas interessantes (Annete Baldi).

No começo da escola, as professoras também faziam teatro para as famílias. Uma vez as mães fizeram uma peça: A boneca Maricota. Foi muito legal! Isso é uma forma diferente de ver o professor. Na educação infantil o professor não é nem nunca foi um cara sisudo, com se vê no fundamental. No segmento do infantil e até a quarta série, é possível ter uma outra postura, uma outra forma (Beth Baldi).

Beth lembrou da professora Lurdinha, do Instituto de Educação:

era bem baixinha, ela era uma pessoa que brincava, ria, sentava no chão com a gente! O I E era vanguarda, tinha maternal desde muito tempo, isso era muito importante. A educação infantil sempre foi inovadora, tem sempre o professor que faz teatro, se atira no chão, vai lá e faz!

Segundo Bernadete, o nome surgiu de uma conversa num jantar, no restaurante Pedrini.

A idéia veio do Marcelo Carneiro da Cunha, na época ele era casado com Annete. Marcelo é escritor de livros Infanto-juvenis⁹. Estavam os 4 (Annete, Beth, Bernadete e Marcelo), falando sobre isso, sobre qual seria o nome da escola e as

⁹ Marcelo Carneiro da Cunha escreveu diversos livros da Editora Projeto: Codinome Duda (1992), Duda 2, A missão (1994), Insônia (1995), Antes que o Mundo acabe (2000), Ímpar (2003), Duda 3 a Ressurreição (2006), ambos para o público Infanto-juvenil

irmãs pediram sua ajuda. Ele foi então falando: “Vocês já têm um nome! É Projeto, vocês só falam nisso, no projeto, no projeto”!

Então surgiu o nome Projeto. Para as educadoras, a idéia de construir uma escola tinha mesmo essa idéia como pano de fundo, a de construir algo novo, que estava em constante constituição, algo que não estava fechado. Segundo Beth, “o nome caiu meio de maduro! A gente gostou na hora! Hoje em dia esse nome tem uma conotação relacionada com o tipo de trabalho. Mas o nosso nome não tem a ver diretamente com isso”.

Beth retomou que o nome não teve relação direta com a metodologia de projetos, apesar de ser uma metodologia desenvolvida na escola, não foi pensado nesse sentido. A escola não desenvolve apenas projetos, essa é uma das formas de trabalho, que segundo ela, tempos depois passou a ser discutida e propagada nos meios educacionais.

Segundo Beth, o anseio de ter uma escola diferente fica evidente quando coloca:

queríamos uma escola pequena. No início achamos que poderíamos ter tudo junto, mas começamos só com o Infantil, era mais viável financeiramente. Era um requisito legal também, tínhamos que ter primeiro a educação infantil para poder implantar o fundamental.

Quando questionadas sobre características mais marcantes da proposta pedagógica, suas fundadoras percebem no dia-a-dia da escola algumas marcas bastante significativas e em suas respostas aparecem elementos que podem contribuir para a compreensão da complexidade e da identidade dessa escola. Uma delas diz respeito à organização da escola enquanto instituição. A escola é um lugar onde as ações educativas podem acontecer, segundo alguns princípios estéticos importantes colocados por Bernadete Baldi: “cuidados com o aspecto físico do prédio (limpeza, arrumação, manutenção, atendimento a normas de segurança e outras), das salas e do espaço ao ar livre”.

Essa organização não está descolada, porém das práticas educativas, não é uma organização em si mesma, mas faz parte da infra-estrutura para o funcionamento da escola.

A escolha do prédio, sua localização próxima, tudo isso foi uma escolha rápida que, segundo Bernadete, aconteceu de modo casual:

Queríamos uma coisa arejada, ampla. Procuramos no bairro Rio Branco. Morávamos em Petrópolis, na casa da mãe. Era um bairro próximo. Achamos a casa caindo aos pedaços! Estava fechada, negociamos com a imobiliária e arrumamos toda ela. Gostamos das salas amplas, não queríamos salas apertadas! O espaço hoje na unidade 1 está bem melhor, mais bonito, temos brinquedos de madeira. Tudo foi sendo modificado aos poucos.

Segundo Augustin Escolano (1998, p. 28),

não apenas o espaço-escola, mas também sua localização, a disposição dele na trama urbana, tem de ser examinada como um elemento curricular. As pessoas foram se apropriando desse espaço-escola progressivamente, e como espaço curricular, ele foi se moldando aos poucos.

Conforme Viñao Frago (1998, p. 62), “a escola enquanto instituição ocupa um espaço e um lugar. Um espaço projetado ou não para tal uso, mas dado, que está ali, e um lugar por ser um espaço ocupado e utilizado”. Bernadete salientou este aspecto quando disse:

A escola não começou como uma empresa, não havia essa preocupação. Nunca pensamos nisso. A gente só pensou em fazer uma escola legal! No início da Escola, em 89, tínhamos 8 alunos. No final do semestre, quarenta e poucos. Os primeiros alunos que chegaram foram por indicações de colegas e pessoas conhecidas, ou vizinhos. A escola foi crescendo rápido. Não tínhamos idéia de fazer uma empresa. Fomos oferecendo um diferencial que agradou. Fizemos uma feira do livro para inaugurar a escola, para gerar notícia! Conforme indicação de um jornalista. Isso foi importante, foi a primeira feira, tinha uma criançada. Chamamos amigos, servimos sorvete e vendemos livros! O sorvete foi fornecido pela empresa do pai delas (sociedade com o filho João Ivo). João Ivo e sua esposa serviram sorvetes na festa de inauguração.

Quando a Escola iniciou suas atividades foi numa época em que o presidente Collor havia sido eleito. Era uma época de efervescência política, porém Beth considera que eram muito alienadas politicamente. Bernadete disse que eram apaixonadas e ainda são, muito apaixonadas pelo que fazem. Não pensavam nas dificuldades econômicas. Alguns anos depois, elas comentaram que caíram as fichas, pois no começo não tinham pró-labore, as coisas demoraram a se organizar. Anos depois (4 ou 5 anos), teve um momento em que as planilhas de custo tinham que ser aprovadas pelos pais. Nessa época, as irmãs se olhavam e perguntavam: “por que fomos nos meter nessa situação?”

Beth lembrou que no início da escola, quando estavam pintando a casa, viu uma diretora de outra escola passar na calçada da frente; ela teria dito: “mas que coragem vocês abrirem uma escola!” Beth reconhece que aprenderam muito e que foi difícil.

O projeto saiu do papel, saiu para fora, não ficou só no papel. Segundo ela, até chegar nas crianças foi um caminho muito longo.

Foi pensado inicialmente assim, mas muito foi sendo agregado. As pessoas que trabalharam na escola foram agregando suas contribuições. As pessoas que trabalham vestem a camiseta e acreditam! Hoje se tem um olhar mais apurado, mais cuidado. No começo era tudo mais rústico, o espaço foi se modificando.

Bernadete casou-se pela segunda vez com Francisco Pinto, arquiteto. Ele passou a contribuir com a questão espacial da escola. Sua contribuição ocorreu, pois, ao longo dos anos, a escola precisou modificar suas instalações, a fim de melhor atender às necessidades. Essas modificações, segundo ele, que foi o responsável técnico pelas obras, foram realizadas em função das edificações serem originalmente destinadas ao uso residencial e de necessidades da escola que surgiram aos poucos, em função de diferentes aspectos, a necessidade de mais banheiros, por exemplo em função do aumento do número de alunos.

Houve um movimento histórico constante de transformação, ao longo do tempo, mais intenso na segunda metade do século XIX, no qual as primeiras escolas foram localizadas em residências. No caso da Escola Projeto, isso também ocorreu e segundo suas fundadoras, foi um fator importante no sentido de oportunizar a necessidade constante de reflexão sobre o espaço escolar e as modificações geradas pelas demandas pedagógicas.

Foram derrubadas paredes, colocadas vigas, enfim, realizadas alterações visando atingir espaços mais amplos (tanto internos quanto externos) e de acordo com legislação vigente. Os critérios utilizados nessas adaptações tiveram relação com a viabilidade econômica, a amplitude espacial que delas decorreriam, a luminosidade, o atendimento à legislação e às necessidades da escola.

Segundo Francisco Pinto, a adaptação de uma residência para esse tipo de atividade pedagógica é uma alternativa possível, que demanda investimento financeiro significativo. Para execução de um projeto que satisfaça, é necessário

conhecer a fundo o dia-a-dia da escola, para ir ao encontro das necessidades e expectativas da instituição.

Alguns aspectos, porém são limitadores desse tipo de ação: as edificações já existentes, a estrutura do imóvel, o plano diretor e a própria legislação em vigor. Tudo isso deve ser levado em conta, no sentido de resolver necessidades da escola que estejam contextualizadas e de acordo com o que as normas técnicas exigem em termos arquitetônicos.

Alguns aspectos arquitetônicos, como as possibilidades de circulação, a fluidez, o zoneamento, a ventilação e a luminosidade, devem ser considerados no momento em que se faz um tipo de adaptação como essa, pois tais aspectos são determinantes do tipo de qualidade de ocupação que esse espaço adaptado poderá oferecer aos seus usuários.

Outro aspecto importante que emerge das falas na entrevista é a questão da comunicação. Segundo Bernadete, na Escola Projeto sempre tivemos “cuidados com a fluência da comunicação”.

Esses cuidados, segundo ela, são importantes para que a visão da comunidade escolar ou até mesmo para que a cultura escolar seja coerente com os princípios estabelecidos no projeto pedagógico da escola.

Quando recebe uma nova família, Bernadete apresenta o projeto pedagógico da escola aos pais novos e diz: “As pessoas se encantam como a gente vibra com o projeto pedagógico!” Também relatou que coloca aos pais como se trabalha com os professores, fala sobre a proposta pedagógica, explica e dá exemplos de como se trabalha com as crianças. Os pais ficam impressionados com o trabalho que se faz em relação à leitura.

Para que haja uma comunicação efetiva entre escola e família são implementadas ações específicas de comunicação através de bilhetes, informativos, do próprio site da escola, emails e pelo telefone. Todos esses instrumentos são utilizados para estabelecer uma boa relação entre família e escola, baseada no princípio de colaboração mútua com os processos de desenvolvimento dos alunos.

Essa importância da organização e da comunicação aparece também na preocupação da escola em ter uma valorização e cuidado com a forma dos materiais e documentos escolares. Segundo Bernadete, no que se refere aos bilhetes e materiais enviados para casa: “a qualidade, atualização e correção dos materiais e do acervo em geral da escola são primordiais”.

Tendo essa preocupação, isso se torna uma prática constante de reavaliação dos encaminhamentos e documentos que são elaborados. Essas práticas desenvolvidas na escola envolvem também os alunos que, segundo ela, são estimulados a observar essa questão: “existe um forte trabalho com os alunos no sentido da sua própria organização e colaboração para a organização dos espaços que freqüentam e materiais que utilizam”.

Outra categoria importante que emerge de sua fala é a metodologia de trabalho, pois se vincula às práticas pedagógicas, aos referências teóricos da escola o tipo de ação pedagógica desenvolvido: “trabalho por projetos, valorização da individualidade, diversificação e criatividade dos trabalhos, ensinar a pensar, passeios e vivências práticas, apoio pedagógico, com assessorias periódicas, em diferentes áreas do conhecimento e suas didáticas”.

Essa metodologia explicitada necessita para sua consecução de uma formação adequada no sentido de suporte e sistematização das práticas escolares. A partir desse ponto de vista encontrei no depoimento de Bernadete a categoria sobre a qualidade da formação dos professores. Na formação dos professores a escola investe de maneira sistemática a partir de uma visão de processo formativo que ocorre em diversas frentes de trabalho. Segundo Bernadete:

Qualidade dos profissionais (professores, direção, funcionários): humanas e de formação – nível de instrução, competência, flexibilidade, seriedade, dedicação, atualização e aperfeiçoamento constantes; número de horas de reuniões, tipo de reuniões, oportunidades de cursos fora com descontos.

Beth chamou atenção que essa formação ou o trabalho de formação se percebe na dinâmica da escola, no jeito das crianças cumprimentarem as pessoas. É uma organização das crianças, das turmas, do jeito que os pais conseguem enxergar o clima da escola, da relação que os adultos têm com as crianças. Comentou: “Os pais vêem as crianças descendo com a bandeja de lanche, percebem o clima, o jeito como a coisa acontece de verdade”.

Beth comentou sobre os cursos¹⁰ promovidos pela escola, as trocas que foram feitas. Disse que não teriam como dimensionar todas as experiências. Muitas pessoas foram trazendo suas contribuições. “Aquilo que acreditamos nunca abrimos

¹⁰ A Escola Projeto, desde sua fundação, organiza cursos de formação em serviço para os professores da escola e de outras instituições. Ver nos anexos da dissertação um quadro demonstrativo que informa sobre os 10 anos iniciais da escola e os cursos de formação que foram realizados

mão. A Projeto que temos hoje, não imaginávamos, fomos construindo e re-acoplando à nossa idéia”.

Annete coloca: “Nós participamos desse projeto, as idéias originais estão até hoje: cultura, literatura, arte”.

A relação adulto criança, a concepção de criança, a relação do adulto e das crianças são questões importantes para a formação do currículo escolar.

Uma das marcas importantes é a visão da criança como um ser pensante, que tem suas idéias. O cuidado que temos no trato com a criança. A criança não é um “coitadinho”. Temos claro como vemos as crianças. Isso é uma das marcas que vêm desde o começo, o trato com a criança. A forma de tratar as crianças.

Beth colocou que a escola é um espaço de atuação.

As crianças têm contato com outras experiências, isso vai funcionar como um outro mundo, que eles vão conhecer e que eles próprios irão poder escolher. Essa coisa de lidar com as diferenças, isso é o bom da escola! A Escola tem uma pretensão de enviar valores para a família, de ser um contraponto. Por ser construtivista, tem a pretensão de tentar formar crianças que se questionem, que vão formando posturas, que se perguntem. É impressionante o que acontece.

Bernadete relatou que seu filho João Pedro, com seis anos, aprendeu sobre lixo e reciclagem, redução de lixo e que isso reverteu na prática, no dia-a-dia de sua família. Começaram a repensar ações de consumo e de diminuição do lixo produzido em casa.

Conforme levantamento nos materiais do arquivo escolar, a formação oferecida aos professores e à equipe pedagógica pelos cursos foi influenciadora dessa forma de ver e intervir com as crianças.

3.2 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

No final dos anos 1960, ocorreram muitas transformações na educação Brasileira. Começaram a aparecer reivindicações libertárias em termos educacionais em função de autores e novas propostas identificadas a partir do movimento da Escola Nova (1932). A sociedade passou também por um momento mais

conservador em função do golpe militar de 64. O Brasil sob a direção dos militares centralizou a educação e teve uma fase em que as práticas pedagógicas sofreram a influência do tecnicismo.

Os teóricos do tecnicismo sustentaram um momento em que as práticas educativas eram baseadas na lógica do paradigma industrial. Esse paradigma pressupunha que o professor seria um mero executor do trabalho pedagógico, e que este deveria levar em conta procedimentos técnicos tendo como principal objetivo a transmissão de conteúdos, nem sempre ou quase sempre desvinculados da vida prática.

Por influência da corrente tecnicista, o planejamento passou a ser realizado com base nos princípios da filosofia positivista e do behaviorismo. Os adeptos dessas idéias acreditavam apenas ser real o conhecimento que repousa sobre os fatos observados. O conhecimento técnico foi utilizado nos planejamentos e os objetivos instrucionais operacionalizados, pensados como uma seqüência de metas a serem atingidas. Os objetivos ficavam restritos ao que é observável fazendo do ensino uma atividade programada, fragmentada e afastada da vida. Essa influencia permaneceu até a metade dos anos 1980, quando mudanças nas tendências educacionais começaram a emergir.

Nesse período, vivemos uma fase de redemocratização a partir da qual emergiram novos paradigmas, criticando a escola capitalista. Esses paradigmas defendiam a mudança no modo de ensino e apontavam para algumas alternativas metodológicas.

Na época da fundação da Escola Projeto, vivíamos o momento em que o construtivismo passava a ser uma prática, que surgia a partir da teoria de Piaget. Esse movimento se constituiu a partir da interpretação das teorias cognitivistas, mas, sob a ótica de alguns educadores, foi sendo utilizado de maneira equivocada, no sentido de uma baixa compreensão de sua possibilidade de transposição didática clara e precisa. Sendo assim, cabe ressaltar que é necessário que a prática construtivista seja bem explicitada no sentido da compreensão de seus pressupostos.

O construtivismo de Piaget chegou ao Brasil como uma teoria que descreve a origem e a natureza da inteligência. Piaget centrou-se no estudo do desenvolvimento do pensamento infantil, abordando a trajetória de superação do egocentrismo, a construção das noções de tempo, espaço e número. Relacionou

essa trajetória com questões como maturação e desenvolvimento, abordando em seus estudos os diferentes estágios ou níveis de aperfeiçoamento e complexidade dos conhecimentos que são construídos pela criança. Outros autores também abordaram o construtivismo, sem sofrer a influência de Piaget. Entre eles encontra-se Vygotsky, que trabalhou o conceito de desenvolvimento cognitivo como um processo desencadeado em dois níveis distintos: o nível efetivo de conhecimentos adquiridos e o nível potencial, aqueles ainda não construídos, mas mediante os quais o sujeito pode aceder através da ajuda ou ensino dos adultos.

A partir de vários autores e tendo como fio condutor a teoria de Piaget e de Vygotsky, muitos educadores passaram a buscar uma re-elaboração da escola. Modificando suas práticas educativas. Uma dessas modificações e busca foi a utilização da Pedagogia de Projetos.

Os projetos como forma de organização didática das práticas escolares tiveram influências multifacetadas, originárias de diferentes autores. É possível apontar o educador John Dewey (Estados Unidos), como um dos principais representantes da pedagogia de projetos. De acordo com Aguayo (1935, p.88), “a palavra projetos foi citada pela primeira vez nos Estados Unidos em 1908”. O trabalho com projetos foi usado de forma experimental na escola da Universidade de Chicago e, aos poucos, foi expandindo-se para o resto do país e da América do Norte. A base dessa proposta era a atividade do sujeito, o compartilhar de experiências de trabalho entre iguais e com a comunidade. O foco mais marcante era a vida em comunidade e a resolução de problemas. Segundo Dewey (1959, p. 53 apud BARBOSA, 1999), a escola estaria na época muito dissociada da vida, tratando os jovens de maneira impessoal. Havia também uma característica marcante em termos do currículo, a fragmentação. Essa prática pedagógica fazia com que a escola fosse um rompimento com a vida emocional e prática da criança. Contra todos esses elementos é que a pedagogia de projetos apontava para novas possibilidades de trabalho. A função da escola nessa pedagogia seria a de auxiliar a criança a compreender o mundo por meio da pesquisa e da solução de problemas. As necessidades das crianças e da escola não poderiam, nesse caso, estar dissociadas da comunidade. A idéia central dessa pedagogia, segundo Dewey (1959, p. 47) é que:

A existência humana envolve impulsos dispersos para um projeto crescentemente unificado ou integrado; ou melhor, para uma série de projetos coordenados ou ligados entre si por interesses, aspirações e ideais de significados permanentes. Preparar para a vida será pôr a criança em condições de projetar, de procurar meios de realização para seus próprios empreendimentos e de realizá-los verificando pela própria experiência o valor das concepções que esteja utilizando.

Encontra-se também em Kerschensteiner (Alemanha) influências na questão da pedagogia de projetos. Georg Michael Kerschensteiner foi discípulo de Dewey, e um dos criadores das escolas do trabalho. Fundou uma pedagogia que valoriza a inteligência prática, em oposição ao intelectualismo de Herbart. Ele é também fundador de uma pedagogia orientada para o trabalho e o sucesso profissional. Criou as escolas do trabalho, vendo no exercício de uma atividade a base do desenvolvimento da inteligência prática. Para ele, a pedagogia deve permitir que um saber se torne uma competência, única prova de uma aquisição real deste saber. Ele recusa a oposição entre a formação geral e a formação profissional. Acredita que a inteligência não pode ser outra senão aquela que sabe pôr em prática, senão ela não passa de intelectualismo inútil (CABANAS, 2002, p. 86). Esses princípios foram orientadores de práticas educativas mais avançadas e que visavam a emancipação dos educandos.

Uma outra influência significativa, que se manifesta através do ensino mais voltado para as necessidades do educando, podemos encontrar em Decroly (Bélgica). Foi um dos autores do movimento da Escola Nova. Este movimento, segundo Cabanas (2002, p. 86), foi tão universal e unitário que se institucionalizou com a fundação do Bureau Internacional dês Écoles Nouvelles, em Genebra, cuja missão era velar pela ortodoxia das escolas que pretendiam seguir a corrente. Ele ajudou a estabelecer uma base para a renovação pedagógica no mundo. Sua obra educacional destaca-se pelo valor que colocou nas condições do desenvolvimento infantil; destaca o caráter global da atividade da criança e a função de globalização do ensino. Refere que os programas escolares da Escola Tradicional são lógicos, mas não psicológicos. Foi ao mesmo tempo educador, psicólogo, médico, universitário.

Suas teorias têm um fundamento psicológico e sociológico e podemos resumir os critérios de sua metodologia no interesse e na auto-avaliação. Promove o trabalho em equipe, mas, mantendo a individualidade do ensino, com o fim de preparar o educando para a vida. A ausência de ideais religiosos é uma das

características de seu modelo pedagógico. Acreditava que a formação científica pode ajudar na busca de soluções para os problemas que a humanidade apresenta. Sua proposta contém diversos elementos: um método de análise, uma ética e uma filosofia fortemente impregnadas de cientificismo, influenciado pela corrente filosófica racionalista, especialmente de H. Spencer.

Para ele, a educação não se constitui em uma preparação para a vida adulta; a criança deve aproveitar sua juventude e resolver as dificuldades com autonomia. Como pressuposto básico postulava que a necessidade gera o interesse, o que contribui para a construção do conhecimento. O interesse está na base de toda atividade, incitando a criança a observar, associar, expressar-se. Desse pressuposto deriva sua proposta de organização da escola, os centros de interesse, os quais também foram responsáveis por uma tendência alternativa de educação.

A pedagogia de projetos pressupõe uma prática pedagógica voltada para propósitos significativos. O nome dado à escola Projeto manifesta a idéia de construção de uma escola que trabalhe com princípios e práticas que levem em conta esses propósitos. Segundo Lourenço Filho, (2002, p. 298),

diversos princípios decorrentes do sistema de projetos, elaborado por Dewey, aparecem como primordiais para a prática pedagógica. Entre eles destaque a atividade própria do educando e a adequação do trabalho aos níveis de desenvolvimento dos alunos.

Mas em primeiro lugar estaria o fato de que a ação de educar não pode estar separada das atividades da vida real.

Em seus fundamentos de trabalho, a Escola Projeto construiu uma filosofia baseada nos pressupostos humanistas que apontam o educando com um ser potencial, um sujeito capaz de aprender a partir de experiências e vivências desafiadoras. O nome da escola é resultante de uma utopia posta em ação, na qual as práticas e os pressupostos se entrelaçam, constituindo uma trama que dá sustentação às aprendizagens, que se auto alimenta constantemente e que se renova, num movimento dialético. Nesse movimento existe, segundo Lourenço Filho (2002, p. 302), “uma concepção educativa que não despreza a importância das relações humanas, mas ao contrário, as toma como um objetivo central”. Assim as práticas e os objetivos educacionais fazem parte de uma mesma vertente que

organiza, constrói e registra o movimento social e as aprendizagens, colocando-os constantemente em relação.

Quando a Escola Projeto constituiu seu projeto pedagógico, o contexto educacional do Construtivismo e as novas teorias sobre educação estavam emergindo e apontavam para mudanças necessárias, porém muito complexas.

Foi colocada junto ao texto dessa pesquisa uma versão digitalizada do sumário da proposta pedagógica inicial da Escola Projeto. A partir desse sumário, apresento uma análise sobre alguns aspectos relacionados a cada item. Inseri o sumário do documento citado como meio de ilustração da afirmação sobre a formação do projeto pedagógico como um instrumento de registro e reflexão sobre as práticas pedagógicas da escola. Reconheço ainda neste sumário uma organização pertinente que revela aspectos constitutivos das práticas pedagógicas da escola assim como conceitos básicos, envolvendo aspectos teóricos e práticos fundamentais nesse caso para a organização escolar. O sumário expressa uma lógica muito coerente com as práticas realizadas pela escola, encontrada na pesquisa a partir do arquivo escolar.

A possibilidade de existência de um documento como esse amplia a atuação da escola, enquanto instância formadora de seu corpo docente e, por isso, participante no processo de construção de conhecimentos profissionais de seus educadores.

O documento inicial da proposta pedagógica da Escola Projeto tem 235 páginas, nas quais estão explicitadas muitas das ações realizadas pela escola. É um documento importante, pois registra, explicita e esclarece o leitor sobre aspectos da concepção construtivista a que se propõe a instituição escolar. É um documento dinâmico, o qual é atualizado regularmente pelos professores e equipe pedagógica, mas que mantém uma certa unidade em termos de princípios norteadores, conceitos e referências teóricas que pode significar uma contribuição bem significativa do ponto de vista de sua viabilidade e coerência em relação ao processo de ensino-aprendizagem.

SUMÁRIO	
4.6. Desenvolvimento Moral e Socio-Afetivo.....	143
A - Princípios Norteadores.....	145
B - Metodologia.....	151
4.7. Projetos Complementares do Currículo.....	157
A - Conteúdos.....	157
B - Métodos.....	160
I - FILOSOFIA DA ESCOLA.....	5
II - OBJETIVOS GERAIS.....	11
III - PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	13
1 - PRINCÍPIOS EDUCACIONAIS GERAIS.....	13
2 - METODOLOGIA GERAL.....	23
3 - CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DO DESEMPENHO DAS CRIANÇAS E DO TRABALHO DESENVOLVIDO.....	27
4 - PROPOSTA CURRICULAR.....	29
4.1. Língua Portuguesa/Literatura.....	31
A - Princípios Norteadores.....	31
B - Metodologia.....	43
4.2. Matemática.....	54
A - Princípios Norteadores.....	54
B - Metodologia.....	68
4.3. Ciências/Estudos Sociais.....	93
A - Princípios Norteadores.....	93
B - Metodologia.....	99
4.4. Artes.....	108
A - Princípios Norteadores.....	108
B - Metodologia.....	117
4.5. Área Motora.....	133
A - Princípios Norteadores.....	133
B - Metodologia.....	139

Figura 27 – Sumário da Proposta Político Pedagógica da Escola Projeto

O primeiro item do documento se refere à Filosofia da escola. Neste item há uma descrição detalhada das concepções que caracterizam a visão de mundo e de educação defendida pela Escola Projeto. Alguns aspectos bem significativos como o conceito de homem, de mundo, de sociedade, de cultura, de conhecimento, de educação, de autonomia, de ensino-aprendizagem estão explicitados, no sentido de caracterizar posturas, caminhos a seguir e objetivos gerais da escola.

Chama a atenção do leitor o conceito de educação e de escola, pois expressam uma visão peculiar que vai ser encontrada nas práticas observadas na instituição. Conforme o documento a escola acredita que educação “é um processo de desequilíbrio sucessiva, tendo em vista a construção de noções e operações e um processo de socialização que busca criar condições para a cooperação” (PPP, 1995, p. 7).

Nesse fragmento do documento pode-se identificar palavras chave que se originam na teoria piagetiana como cooperação e desequilíbrio. O fato de trabalhar com um referencial teórico piagetiano oportuniza a explicitação desses conceitos. Na seqüência do texto pode-se perceber que tais conceitos mostram-se contemplados na definição de escola: “é o espaço especialmente organizado, física e institucionalmente, para o desenvolvimento de uma ação intencional no sentido da vivência pela criança da plenitude de sua infância, da sua socialização, bem como da construção de sua inteligência” (PPP, 1995, p. 8).

Logo a seguir aparecem os objetivos gerais do ensino e da educação tendo como pano de fundo a ênfase na aprendizagem como um exercício operacional de inteligência. Os objetivos gerais se referem ao trabalho da escola com os alunos, integrando-se às famílias e comunidade em geral. Apontam para aspectos relacionados com as capacidades e habilidade intelectuais, motoras e sócio-afetivas. Saliendam ainda a importância da escola trabalhar com a perspectiva de desenvolvimento da autonomia intelectual e moral, a consciência social, a auto-consciência, a criatividade, o acesso aos instrumentos de apropriação de conhecimentos, o envolvimento e integração com a escola. Tais objetivos, ainda que relacionados com as potencialidades dos alunos, sua amplitude e a um processo gradativo, expressam uma aposta no potencial humano e de desenvolvimento originado na compreensão do referencial teórico apontado pela instituição.

Percebo que existe uma preocupação com a integração dos alunos e das famílias e da comunidade em geral no sentido de uma participação mais direta nos processos de ensino-aprendizagem. Essa preocupação se dá de maneira efetiva, e a escola reconhece que as famílias são parte integrante do processo de educação. Além disso, há a explicitação de objetivos contemplando as áreas

intelectuais, motora, sócio-afetivas, assim como a autonomia intelectual e moral, a capacidade de questionamento e crítica, a autoconsciência, a criatividade, a aquisição de instrumentos de acesso ao saber sistematizado, a convivência social e democrática.

Esses aspectos consideram a aprendizagem e o próprio educando a partir de sua complexidade, respeitando a necessidade e a possibilidade de desenvolvimento integral do aluno. De acordo com este documento, o objetivo da educação escolar construtivista é o aumento da compreensão (possibilidade de agir sobre as situações que encontramos), em contraposição a uma concepção tradicional de educação na qual o conhecimento é o mais importante e as crianças memorizam para dar respostas (PPP, 1995, p. 19).

Nos pontos seguintes é possível observar aspectos relacionados com a metodologia a qual é baseada no estímulo à curiosidade dos alunos, ao encorajamento de sua possibilidade de fazer escolhas, assumir responsabilidades e participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem. Alguns pontos deste item são muito significativos, pois revelam a base na qual emergem as práticas pedagógicas da Escola Projeto. São eles: o trabalho em equipe, a investigação, a pesquisa, o jogo, as experiências feitas pelos alunos, as brincadeiras, o diálogo, a crítica. Nesse conjunto de palavras encontram-se os meios através dos quais as práticas pedagógicas acontecem, possibilitando que os alunos aprendam mediante o estabelecimento de objetivos claros, de uma avaliação permanente, num ambiente desafiador que promove a interação.

Para que haja essa compreensão, enquanto elemento do processo de ensino-aprendizagem, a metodologia utilizada deve prever situações de aprendizagem nas quais a atividade é uma forma agradável e aquele que aprende a considera como um “trabalho” e como um “jogo”. (PPP, 1995, p. 23)

É importante também oportunizar que as crianças façam descobertas, tomem consciência do que estão fazendo, construam seus próprios valores morais e que o grupo também seja desenvolvido, ampliando a visão do trabalho individual para o trabalho coletivo (PPP, 1995, p. 25).

Na seqüência do documento encontram-se os critérios de avaliação, os quais são definidos levando-se em conta as diferentes etapas da escolaridade, as idades dos alunos, as possibilidades de desenvolvimento e de intervenção pedagógica, salientando que o professor deve conhecer os processos de aquisição

dos conhecimentos por partes dos alunos visando poder melhor acompanhar e intervir nessa evolução. Esses critérios conforme são constantemente revistos, revisados, reformulados pela equipe de professores e coordenadores da escola.

No aspecto relativo à avaliação, encontrei as palavras “observação e análise, reflexão crítica e constante do processo ensino-aprendizagem, visando sempre o aperfeiçoamento do mesmo, implicando em avaliar o aluno, a prática pedagógica e a instituição escolar”. Nesse aspecto fica evidente que a escola relativiza os diferentes eixos do trabalho educativo, incluindo a instituição e o trabalho do professor, ampliando o conceito de avaliação, inserindo-o num processo emancipatório e coerente com os princípios construtivistas.

No item 5 do capítulo VI o qual prevê a organização geral da escola, aparecem os princípios norteadores da avaliação escolar, nos quais existe o detalhamento dos procedimentos em relação à avaliação dos alunos, dos professores e da escola como um todo. Essas práticas são significativas, pois redimensionam o papel da avaliação na instituição escolar e apontam para a necessidade de aprofundamento de conhecimentos nessa parte específica da ação educativa.

Em relação à questão curricular, o documento expressa:

O currículo da Projeto, tendo em vista a coerência com a sua filosofia e objetivos, não se constitui numa lista de itens específicos.....mas, sim num conjunto de princípios norteadores relativos às diferentes áreas (Língua Portuguesa, Literatura, Matemática, Ciências Sociais e Naturais, Artes Plásticas, Área Motora e Socialização) acompanhados de um detalhamento em nível metodológico e/ou de situações de aprendizagem de cada uma delas (PPP, 1995, p. 29).

Em função de cada área do conhecimento, no corpo do documento encontram-se os princípios norteadores de cada uma, nos quais estão explícitos os conceitos constituintes da área, importantes referências para o trabalho de intervenção pedagógica, pois explicitam as características da área, portanto os aspectos do ensino. Em relação à área da Língua Portuguesa, por exemplo, encontram-se aspectos relacionados com a oralidade, a linguagem escrita e a leitura. Para cada uma dessas subdivisões da área pode-se perceber que existe uma metodologia, conceitos estruturantes e princípios norteadores das ações educativas, no sentido de uma busca de coerência com o processo de ensino-aprendizagem. É interessante ressaltar que a Escola Projeto investiu muito na

questão da formação do aluno como um leitor e isso está expresso nessa área da Língua Portuguesa, na qual é possível encontrar os conceitos trabalhados na escola de leitura mediada, individualizada e socializada.¹¹

Em relação às demais áreas acontece o mesmo, existem aspectos relativos ao conhecimento da matéria de cada área, princípios norteadores, conceitos básicos envolvidos, metodologia de trabalho com a área, explicitados, descritos, detalhados. É um documento importante no sentido de registro dos aspectos que devem ser levados em conta pelo corpo docente no planejamento do ensino.

Após as áreas do conhecimento, aparecem descritos os projetos complementares nas áreas de Informática e Inglês.

Logo a seguir encontra-se um capítulo falando sobre o trabalho com os pais e a comunidade em geral, explicitando ações relacionadas com as reuniões gerais e individuais, as festas, promoções, eventos culturais e a participação na sala de aula.

Essa participação é muito significativa, pois coloca as famílias em um patamar de parceria com a instituição. Na sala de aula, realizando uma atividade na turma de seu filho ou participando de uma reunião na qual são explicitados os conteúdos e ações pedagógicas utilizadas no dia-a-dia da escola, os pais se tornam mais conscientes da proposta pedagógica e capazes de apoiar suas iniciativas, compreendendo o trabalho escolar como um empreendimento coletivo.

Estão descritas ações específicas como os Sábados Culturais, a Feira do Livro e as visitas orientadas à espaços de arte, culturais, teatrais, musicais e de cinema.

Essas ações se realizam a partir de um trabalho na sala de aula, de preparação dos alunos para a experiência cultural. Para os sábados culturais, por exemplo, são trabalhadas as obras em questão. No caso dos estudantes irem assistir um Teatro, alguma obra musical ou espetáculo de Dança, nesse caso, são instrumentalizados a partir de leituras, apreciações de músicas, folders, folhetos de

¹¹ Leitura socializada, mediada e individualizada são formas de ensino da leitura desenvolvidas na Escola Projeto;

Leitura socializada é aquela que o professor faz ao aluno em capítulos, seja por que ele ainda não domina o código, seja por que se trata de um texto mais longo, sem imagens e/ou mais complexo, que o aluno sozinho não teria como compreendê-lo;

Leitura mediada é aquela em que todos os alunos lêem o mesmo texto, selecionado pelo professor, cada um com sua cópia/livro e que é explorada depois (aqui o professor vai ensinar com se lê, como se destrincha o texto em termos de linguagem, significados, incompletudes);

Leitura individualizada é aquela que o aluno faz sozinho, a partir de uma escolha própria, dentro de um universo selecionado pelo professor; essa leitura se caracteriza por um impressionismo crítico (não há trabalho a partir dela), seu objetivo maior é a fruição

divulgação, reportagens de jornal. Após essa preparação os alunos participam junto com suas famílias do espetáculo em si, no qual há uma troca significativa entre família e escola. Em relação à Feira do Livro os alunos participam de situações de encontro com autores e/ou ilustradores, visitam exposições, compram os livros e participam de eventos da programação da Feira com suas famílias. As visitas de estudo se organizam no sentido de promover saídas da escola para ampliar as possibilidades da sala de aula. Todas elas são planejadas no sentido de abranger as diferentes áreas do conhecimento: científica, cultural e artística.

4.6. Desenvolvimento Moral e Sócio-Afetivo.....	145
A - Princípios Norteadores.....	145
B - Metodologia.....	151
4.7. Projetos Complementares do Currículo.....	157
A - Computação.....	157
B - Inglês.....	160
IV - TRABALHO JUNTO AOS PAIS.....	161
1 - REUNIÕES ORDINÁRIAS.....	161
2 - REUNIÕES EXTRAORDINÁRIAS.....	161
3 - AVALIAÇÃO SEMESTRAL DA ESCOLA.....	162
4 - PROMOÇÕES ESPECIAIS.....	162
5 - PARTICIPAÇÃO NA SALA DE AULA.....	163
6 - INFORMAÇÕES ATRAVÉS DE BILHETES NO CADERNO DE COMUNICAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A FAMÍLIA.....	163
7 - RETIRADAS DE LIVROS DA BIBLIOTECA DA ESCOLA.....	163
V - TRABALHO JUNTO À COMUNIDADE EM GERAL.....	164
VI - ORGANIZAÇÃO E DINÂMICA GERAL DA ESCOLA.....	166
1 - SERVIÇOS/RECURSOS HUMANOS.....	166
2 - AMBIENTE/RECURSOS MATERIAIS.....	173
A - Sala de Aula.....	173
B - Salas Especiais.....	174
3 - ADAPTAÇÃO.....	179
4 - ROTINA.....	183
5 - AVALIAÇÃO.....	187
VIII - BIBLIOGRAFIA.....	195
ANEXO 1 - Evolução da Leitura e Escrita.....	199
ANEXO 2 - Evolução da Seriação e Classificação.....	215
ANEXO 3 - Evolução da Notação Numérica.....	218
ANEXO 4 - Evolução do Desenho.....	226
ANEXO 5 - Evolução da Moralidade.....	232

Figura 28 – Sumário da Proposta Pedagógica

No capítulo VI aparece um detalhamento bem importante sobre as ações realizadas no cotidiano escolar, prevendo uma atenção especial ao ambiente da sala de aula, pois segundo os princípios norteadores e a própria citação utilizada da autora Madalena Freire:

A linguagem do lugar deve comentar as histórias e as relações acontecidas ali. É nesse sentido que o espaço da sala de aula é retrato e registro da minha prática assim como a minha casa retrata como eu vivo, assim como meu corpo retrata aquilo que eu sou, o que estou vivendo... (1983).

A sala de aula é um espaço de ação e que precisa ser organizado para promover a aprendizagem dos alunos, num clima de interação constante, coresponsabilidade e cooperação.

Em seguida, temos uma parte relacionada com o período de adaptação escolar, na qual estão descritos os procedimentos adotados pela escola enquanto instituição para promover esse processo de maneira gradativa e coerente com as necessidades dos alunos.

É possível observar também a descrição de rotinas específicas para cada etapa da escolaridade (Educação Infantil e Ensino Fundamental), mantendo uma coerência entre possibilidades do desenvolvimento dos alunos, ambientes, materiais e atividades.

Na seqüência do documento estão registrados os livros utilizados como bibliografia da proposta pedagógica assim como diversos anexos com informações relevantes sobre as áreas da Linguagem Escrita, Matemática, Desenvolvimento gráfico e Desenvolvimento Moral Piagetiano.

A análise do documento colaborou no sentido de uma maior compreensão das dinâmicas estabelecidas pela instituição, ampliando a possibilidade de observação dos diferentes aspectos relacionados às práticas pedagógicas da escola. Neste documento é possível visualizar a escola no plano teórico, na perspectiva de ver o PPP como um projeto, percebendo as diferentes nuances e âmbitos nos quais se desenvolvem as práticas. Esses âmbitos podem ser identificados num plano de ações pontuais e sistemáticas como o trabalho da sala de aula, a avaliação, a metodologia e a forma de comunicação dos resultados assim como num plano mais filosófico, amplo e abrangente, envolvendo a visão de mundo,

de educação e do próprio educando, a relação da escola com a comunidade escolar, com a sociedade e com todos os envolvidos no processo educativo.

A possibilidade de existência desse documento enquanto instância de memória e de representação da cultura escolar, oferece ao pesquisador um material denso de análise sobre a relação entre teoria e prática, entre concepções e ações, entre filosofias e didáticas específicas. Caracteriza, pois, um grande potencial de pesquisa e de reconhecimento da escola como um laboratório no qual as práticas e as concepções podem ser construídas e revisitadas permanentemente.

A partir do organograma da escola, que foi construído em 2007, em função do crescimento da equipe pedagógica, é possível visualizar a direção, as diferentes coordenações e suas respectivas etapas de atuação, os setores administrativos e de apoio pedagógico assim como os diferentes atores relacionados. Em cada etapa, situa-se uma coordenadora que trabalha com os professores regentes de classe daquela etapa, assim como com os professores especializados, monitores e estagiários. O organograma reflete a organização das pessoas e de suas funções na instituição.

Este organograma foi constituído a partir de uma demanda que surgiu no dia-a-dia da escola assim como outros documentos, porém o documento inicial com o PPP permanece como uma referência significativa que caracteriza a identidade da Escola Projeto.

3.3 ESPAÇO

3.3.1 Localização

A escola, enquanto instituição, foi historicamente emancipando-se da casa e de locais onde se instalou, constituindo-se, aos poucos, em um local especializado para a instrução, diferenciando-se gradativamente até chegar às instâncias de salas de aula separadas por graus ou ciclos. Ao longo dos séculos a escola foi se transformando e, curiosamente, no momento em que a Escola Projeto iniciou suas atividades, a idéia de fazer uma escola teve que ser baseada na possibilidade de

ocupação de uma casa residencial. A Escola Projeto iniciou suas atividades de ensino somente com a unidade 1, na Rua Paulino Teixeira 394, no Bairro Rio Branco e funcionou assim até o ano 2000. Nessa época, começou a implantar a unidade 2, na rua José Bonifácio, 581, no Bairro Farroupilha.



Figura 29 – Atualmente a Unidade 1 está assim, após a reforma no layout da fachada

A localização das duas unidades da escola se deu por influência do tipo de espaço que era necessário para uma escola: salas amplas e pátios que oferecessem possibilidades de receber os grupos de crianças.

Essas transformações ocorreram na sociedade contemporânea em função de questões associadas ao Industrialismo, ao Positivismo científico, ao movimento Higienista e ao Taylorismo. Todos esses movimentos foram gerando na escola adaptações, modificações de outras instâncias que eram transpostas para o meio escolar.

A escola, conforme Fernandes-Galiano, L. (1991 apud ESCOLANO, 1998), “é um produto de cada tempo, e suas formas construtivas são, além dos suportes da memória coletiva cultural, a expressão simbólica dos valores dominantes nas diferentes épocas”.



Figura 30 – Hall de entrada da Unidade 1, com vista da porta de acesso ao andar térreo, escada que leva ao andar superior e o aquário

As duas unidades são localizadas em casas residenciais e foram adaptadas conforme já citado anteriormente. Cada unidade é responsável por uma etapa específica da escolaridade. A unidade 1 é responsável pelo atendimento das crianças de 2 a 5 anos, com os quatro grupos da Educação Infantil (G 1 a G 4).



Figura 31 – Corredor de acesso à secretaria com reproduções de ilustrações feitas por artistas plásticos, ilustradores de livros da Editora Projeto

Na foto anterior (fig. 31) vemos o corredor que dá acesso à biblioteca e à secretaria da Unidade 1, nele encontram-se reproduções de ilustrações feitas por artistas plásticos para um leilão de Arte promovido pela Editora Projeto, em 2006. As

ilustrações colocadas no corredor de acesso à escola, são, pois, um retrato do espaço que se transforma à medida que as práticas acontecem no ambiente escolar.

A unidade 2 trabalha com a faixa etária de 6 a 10 anos, atendendo as cinco séries do ensino fundamental (1^a a 5^a série).



Figura 32 – Foto das Unidades 1 e 2 da Escola Projeto

3.3.2 Salas de aula

Em algumas metodologias de ensino, conforme Sacheto (PPP, 1985, p.55), o planejamento do ambiente e do espaço é “parte constitutiva e irrenunciável de um novo modo de considerar a criança”, de tal maneira que os objetos e o projeto educativo guardam, entre si, uma íntima relação”.

Essa relação esteve sempre presente nas ações da Escola Projeto e, segundo suas dirigentes, o espaço físico da escola foi um dos focos de reflexão permanente, no sentido da escola ser sistematicamente organizada para oferecer espaços qualificados e diferenciados para todos os alunos. Essa organização partiu

sempre do fato de que a escola precisa ser um ambiente que educa através da forma como esta organizado espacialmente.

Em função desse posicionamento, as salas de aula, os corredores de acesso, os banheiros, locais externos e a fachada recebem sistematicamente um tratamento estético e arquitetônico no sentido de poderem refletir valores como limpeza, harmonia estética em relação às cores e organização do espaço físico enquanto constituinte de um entorno significativo e influenciador das aprendizagens. Não existem decorações infantis nas paredes das salas de aula. O que aparece nos diferentes espaços da escola são as diversas linguagens e representações em produções dos próprios alunos. Existem materiais que são feitos pelos professores, um exemplo disso são as fichas de planejamento diário que aparecem na foto abaixo em círculos alinhados no varal. Esses materiais, porém, são elementos constitutivos da ação pedagógica e não têm intenção decorativa.



Figura 33 – Sala do Grupo 1 - vista de frente

Assim, o espaço escolar é pensado no sentido de integrar-se às práticas pedagógicas, ampliando ou agindo também como elemento constitutivo de suas ações.

Na foto seguinte aparece o armário de brinquedos, no qual estão dispostos os jogos e materiais pedagógicos, a fim de que estejam ao alcance dos alunos, fazendo parte do espaço físico, estando ordenados segundo critérios específicos

relacionados com conteúdos como cor, tamanho, formas e temática que é explorada no jogo ou brinquedo.



Figura 34 – Sala do Grupo 1 - outro ângulo

O espaço não é algo casual, não é elemento desconexo do ambiente educativo. Através dele as crianças aprendem conceitos de organização espaço-temporal, ampliando suas percepções sobre o ambiente escolar.



Figura 35 – Sala do grupo 2

Acima aparece uma foto da sala do grupo 2, na qual se pode visualizar a organização dos brinquedos em caixas, potes e cestas. Essa organização segue também critérios que ajudam as crianças a compreenderem a necessidade de organizar os materiais em determinados lugares, trazendo para a sala de aula uma sistematicidade importante para as aprendizagens escolares. O local específico para as mochilas é demarcado junto com os alunos e serve também como referência espacial.



Figura 36 – Sala do grupo 2 outro ângulo

Os painéis que aparecem na foto anterior estão relacionados com as aprendizagens em andamento: letras e números, leituras, calendário e planejamento.



Figura 37 – Sala do grupo 3-crianças jogando no momento de atividades livres

As crianças exploram os jogos e materiais oferecidos, brincam e se divertem em grupos ou sozinhas e depois têm a responsabilidade de recolocar os materiais nos devidos lugares, já combinados anteriormente com elas, sendo portanto uma atividade autônoma que ajuda no desenvolvimento emocional e cognitivo dos alunos.



Figura 38 – Sala do grupo 3 - outro ângulo

Na foto anterior aparecem os painéis que são utilizados nas atividades diárias, eles têm informações e registros sobre a vida escolar. Um exemplo desse tipo de material, que registra as vivências escolares, é o painel com as regras da turma, que aparece ao fundo, preso acima do varal de planejamento, feito em cartolina branca, com recortes em amarelo e rosa. Esse painel tem o registro escrito das regras da turma e ilustrações feitas pelos alunos dessas regras. É um material que fica na sala de aula e remete à função social da escrita como meio de registro e memória. Auxilia os alunos a lembrarem das regras e retomarem tais regras quando necessário. É uma produção feita pelos alunos e utilizada por eles em suas atividades diárias.



Figura 39 – Crianças em roda de leitura na sala do grupo 4 A

A foto anterior se refere à sala do grupo 4 A, que atende crianças de 5 anos. Nesta foto, as crianças estão dispostas em roda, feita com almofadas que ajudam a organizar o espaço, contribuindo também com a formação de uma postura de leitor e de ouvinte. Normalmente, as atividades que demandam escuta, relatos, falas da professora ou planejamento conjunto de atividades são realizadas em rodas de conversa, pois esse tipo de organização espacial colabora na questão da atenção dos alunos e na possibilidade de todos os presentes poderem se ver, se tocar e interagir cooperativamente.



Figura 40 – Sala do grupo 4 B- crianças em roda de conversa

Na foto acima vemos o grupo 4 B em uma roda de conversa. Nessa atividade, as crianças têm a oportunidade de falar sobre diferentes assuntos, ouvir os colegas e conhecer suas experiências. Esse momento é trabalhado em todas as turmas e a organização espacial para essa atividade segue uma mesma regra que é oferecer um ambiente organizado que ajuda as crianças a internalizarem conceitos importantes para seu desenvolvimento, tanto no que se refere à questão cognitiva como afetiva e social.



Figura 41 – Sala de aula primeira série - Unidade 2

Acima se podem observar as produções dos alunos da primeira série, dispostas em painéis nas paredes. Essas produções dizem respeito a estudos em andamento e também às regras da turma. Os painéis são utilizados como meio de organizar as informações e também comunicar os estudos que estão sendo realizados. São, portanto, materiais que estão sendo constantemente modificados, a partir das necessidades e do movimento de cada turma, estão sendo sempre atualizados, têm a preocupação de um cuidado estético, observados no sentido gramatical e visual. São elementos do ambiente, ajudam nas aprendizagens e organizam o espaço escolar. Os pais, quando observam esses painéis, podem perceber o que seus filhos estão estudando em cada momento do ano letivo. São observados também, com maior atenção, nas reuniões de pais, quando inclusive são apresentados pelos professores em suas pautas de reunião.



Figura 42 – Sala de aula de segunda série na qual aparecem materiais dos alunos e produções

Na foto acima aparecem as estantes da sala de uma das turmas de segunda série com diferentes materiais utilizados pelos alunos: dicionários, livros, jogos e brinquedos, pastas de registros, materiais de artes plásticas. Pode-se observar também as produções realizadas em diferentes projetos de estudo, incluindo relatos de saídas de campo, regras da turma e painel de ajudantes do dia. Todos esses materiais “decoram” a sala de aula fazendo dela um espaço vivo.



Figura 43 – Sala de aula da terceira série com produções dos alunos

Na foto acima aparece uma sala de aula de terceira série. É possível perceber uma disposição espacial dos móveis em forma de U em função de

determinadas atividades realizadas nesse dia. O espaço da sala de aula se transforma em função de necessidades geradas pelas práticas que são desenvolvidas. Não representa uma configuração única, rígida e os alunos participam dessas modificações. O espaço da sala de aula é um lugar, um local que traduz em suas diferentes configurações as experiências que são nele realizadas.

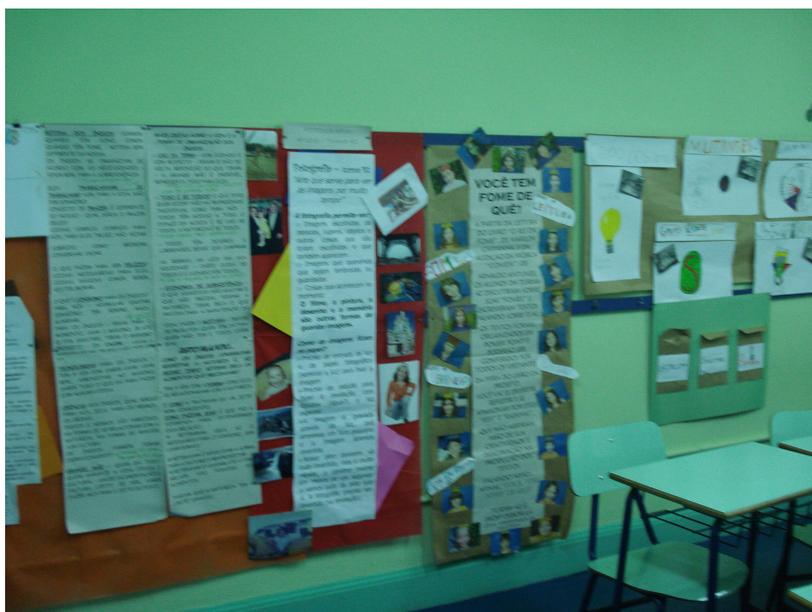


Figura 44 – Sala de aula da quarta série com produções dos alunos

Na sala de aula acima, aparecem os trabalhos dos alunos de uma turma de quarta série. Nessas produções os alunos registram textos e colocam imagens de sua vida em família a partir de um projeto de Ciências Sociais. Os painéis são formas de registro e documentação que cumprem com a tarefa de organizar as informações e dinamizar a sua comunicação. Além dos painéis de projetos em estudo, é possível visualizar também, no cartaz no canto direito da foto, os 3 envelopes utilizados nas assembléias de turma. Nesses envelopes, os alunos colocam frases, questões e textos sobre diferentes assuntos. Esse material é utilizado nas assembléias¹². Os envelopes servem como uma pré-pauta dos temas a serem tratados nas assembléias. Em um envelope específico também são colocados os encaminhamentos e decisões tomadas nas assembléias.

¹² Assembléias são reuniões de avaliação das turmas; essas reuniões ocorrem somente nas turmas do Ensino Fundamental; São reuniões dos alunos e seus professores que têm o objetivo de discutir e encaminhar soluções para problemas do cotidiano escolar

3.3.3 Salas de Atividades

Sala de Artes Plásticas

Na unidade 2 existe uma sala específica para Artes Plásticas. Nessa sala, os materiais artísticos estão organizados em caixas plásticas etiquetadas com o nome de cada material. Existe um secador para trabalhos de pintura que fica no canto direito da sala, local que antigamente abrigava um banheiro da residência. Esse tipo de adaptação ocorreu na escola em função de otimizar o aproveitamento dos espaços.



Figura 45 – Sala de aula da quarta série com produções dos alunos

Sala de Informática



Figura 46 – Sala de Informática - Unidade 2

A sala de informática existe apenas na unidade 2. Possui 5 computadores que são utilizados por grupos, nas diferentes turmas. Esses grupos trabalham com professora especializada na área e também com a professora da turma.

Sala de Música e Teatro



Figura 47 – Sala de Música e Teatro-Unidade 2

A sala de Música e Teatro é utilizada por todas as turmas da unidade 2. As crianças têm aulas com professores especializados de música e arte dramática. Além desse trabalho, os professores regentes de turma também utilizam a sala para atividades físicas, danças, ensaios de apresentações, brincadeiras e dinâmicas de grupo. As crianças que ficam no turno integral também utilizam essa sala para atividades recreativas e de descanso.

3.3.4 Bibliotecas e Auditório

A Escola Projeto realiza um trabalho muito consistente na área da leitura.

Em cada unidade, há bibliotecas que se configuram como espaços muito especiais para a comunidade escolar. Esses espaços são freqüentados por alunos, professores, pais e funcionários. As bibliotecas são freqüentadas diariamente por

todas as turmas de alunos. O acervo total de cada biblioteca é 3360 títulos, na Unidade 1 e 5012, na unidade 2.



Figura 48 – Biblioteca Lygia Bojunga Nunes-Unidade 1 – vista de outro ângulo

Na unidade 1, a biblioteca foi batizada com o nome da escritora Lygia Bojunga Nunes. Esta autora também foi convidada a ser a madrinha da biblioteca e esteve presente em sua inauguração. Os livros da biblioteca são adquiridos pela escola sempre com o sentido de enriquecer o acervo de leitura dos alunos.



Figura 49 – Biblioteca vista de outro ângulo-Unidade 1

O acervo está organizado em categorias, conforme o gênero literário. Os alunos aprendem, desde muito cedo, quais são esses gêneros e onde se encontram nas prateleiras. Semanalmente retiram livros de história e levam para casa.

Esses livros são lidos em família e retornam para a Escola no sentido de garantir sua retirada por outros leitores.

Na unidade 2, o nome da biblioteca é Espaço Os Colegas, em homenagem a um livro de Lygia Bojunga Nunes, de mesmo nome.



Figura 50 – Biblioteca-Espaço Os colegas-Unidade 2

Anualmente, desde sua fundação, a Escola promove a Feira do Livro. A cada ano um autor é convidado para visitar a escola, conhecendo o trabalho realizado com os alunos a partir de sua obra. As diferentes turmas exploram um conjunto de livros selecionados, aprofundam a obra de acordo com suas possibilidades e preparam o encontro, buscando questionamentos que os aproximem do autor a partir de suas experiências.

Abaixo, a lista de todos os autores que participaram das diversas Feiras do Livro na Escola Projeto.

I – 1989 – Charles Kiefer, Carlos Urbim, Ricardo Silvestrin e Maria Dinorah

II – III – 1989 – Íria Müller Poças participou da II e da III Feira do Livro durante o ano

IV – 1990 – Lancast Motta

V – 1991 – Feira realizada na Casa de Cultura Mário Quintana sem autor homenageado

VI – 1992 – Eloar Guazzelli Filho e Carlos Urbim

VII – 1993 – Ricardo Silvestrin

VIII – 1994 – Sergio Caparelli

IX – 1995 – Angela Lago

X – 1996 – Luís Camargo

XI – 1997 – Ricardo Azevedo

XII – 1998 – Gláucia de Souza, Carlos Urbim e Laura Castilhos

XIII – 1999 – Elias José, Dilan Camargo e Gláucia de Souza

XIV – 2000 – Ana Maria Machado

XV – 2001 – Eva Furnari

XVI – 2002 – André Neves

XVII – 2003 – Heloisa Prieto

XVIII – 2004 – Sérgio Capparelli

XIX – 2005 – Roseana Murray

XX – 2006 – Roger Mello

XXI – 2007 – Leo Cunha

XXII – 2008 – Marilda Castanha

A proposta da Feira do livro é promover e aproximar as crianças de autores locais, nacionais ou até internacionais, oportunizando que conheçam suas obras e a pessoa do autor.

A escola desenvolve também vários projetos visando a interação das crianças com as diferentes manifestações culturais e artísticas. Realizam para isso trabalhos com as Artes Plásticas, Teatro, Música e Literatura: são os chamados Sábados Culturais, já citados no item 3. 2 relativo ao PPP. Essas atividades acontecem mensalmente, fora da escola, em alguma casa de espetáculos, conforme a programação, com apresentações de teatro, música, cinema, dança, artes plásticas. Esses eventos são especialmente selecionados para a oferecer oportunidades culturais em conjunto com as famílias. Como exemplo, inseri um quadro demonstrativo dos tipos de eventos realizados no período de 2005 a 2007. Nesse quadro, é possível perceber que as atividades estão relacionadas com

eventos culturais da cidade ou especialmente preparados em função de sua relevância e procedência.

Quadro 2 – Sábados Culturais Período (2005/2006/2007)

Nome do Evento	Tipo	Número de partic.	Obs:
O Vovô	Teatro	391	Cia Trucks
Show com Nei Lisboa	Música	484	Músico convidado de 2006
A Flauta Mágica	Música	251	Ópera Infantil
O Mágico de Oz	Teatro	195	
4 Curtas	Filmes	206	Filmes realizados a partir de livros
Lili Invento o Mundo	Teatro	312	
Contos de Tecer Poesia	Teatro/Música	174	A partir de um livro de poesia
João e Maria	Teatro	292	
Gustavo Finkler	Música		Show a partir do livro da Editora Projeto
As Aventuras de Azur e Asmar	Cinema	249	
Pinóchio-O musical	Música	321	
A Viagem de um Barquinho	Teatro	207	A partir de um livro de poesias
Show com Nelson Coelho de Castro	Música	298	Músico convidado de 2007
	Total de pessoas	3390	

Auditório

Na unidade 2 existe um auditório que é utilizado por todas as turmas para atividades múltiplas: eventos, encontros, entrevistas, ensaios, confraternizações, cursos e palestras. Nesse auditório são também implementados encontros com pais e professores, cursos, apresentações e debates. Nas reuniões gerais de professores que necessitam espaço e recursos tecnológicos como data show e computador, esse espaço é também utilizado.



Figura 51 – Auditório arrumado em forma de U para uma reunião de pais com palestrante

3.3.5 Pátios e Quadras de esporte

Segundo Augustin Escolano (1998, p 26), o espaço-escola não é apenas um “continente” em que se acha a educação institucional, isto é, um cenário planejado a partir de pressupostos exclusivamente formais no qual se situam os atores que intervêm no processo de ensino-aprendizagem. Conforme este autor, o espaço-escola tem de ser analisado como um constructo cultural que expressa e reflete para além de sua materialidade, determinados discursos.

Na Escola Projeto, devido o espaço ser adaptado e precisar ser utilizado por todas as turmas, existe um sistema de tabelas com horários de utilização de espaços coletivos que é muito peculiar. Esse sistema prevê horários diferenciados que escalonam o uso dos espaços, organizando o uso e as rotinas dos diferentes grupos. Desse modo, o espaço escolar é fator de influência da maneira como a escola se organiza. Cada espaço tem seus horários específicos de uso. São eles: a biblioteca, a quadra escolar, o pátio coberto (local da antiga garagem na unidade 1), a sala de brinquedos e o pátio de recreio.

Gradativamente, a Escola Projeto foi constituindo seus espaços escolares, agregando materiais, objetos e mobiliários, assim como obras de arte, ilustrações

feitas pelos alunos, locais para painéis e suportes onde sua configuração e sua identidade como instituição escolar foram sendo impressas.



Figura 52 – Pátio da Unidade 1 depois de sua reforma

Um exemplo bem significativo do que foi afirmado é a forma como o pátio escolar foi se modificando ao longo dos anos de existência da escola. No começo o espaço do pátio dava acesso a uma garagem coberta, na qual os alunos realizavam atividades motoras. A partir do ano de 2005, a escola passou a investir em modificações estruturais do pátio, transformando a garagem coberta num prolongamento do espaço do pátio, através da derrubada de paredes da garagem, ampliando o espaço disponível para os alunos até os muros de limite, no final do terreno. Na foto anterior se pode ver o espaço da garagem formado pelas colunas ao fundo, mostrando no canto direito o espaço que foi ganho com a derrubada das paredes da garagem.



Figura 53 – Brinquedo de madeira adquirido pela escola na época de reforma para ampliar as possibilidades de uso do espaço

Com as modificações estruturais vieram também modificações de conteúdo e o brinquedo feito de toras foi anexado ao ambiente do pátio, proporcionando outras e divertidas possibilidades de brincadeiras ao ar livre.

A seguir, se pode ver a quadra de esportes da Unidade 1. Nesse espaço as crianças participam de aulas com professor especializado de educação física, mas também fazem atividades com os professores regentes assim como atividades coletivas envolvendo todas as turmas da escola.

Na unidade 2 também existe uma quadra de esportes onde são realizadas as aulas de Educação Física. Além disso os alunos da Unidade 2 têm aulas ao ar livre no Parque Farroupilha, de quinze em quinze dias. Nessas aulas, a professora regente participa das atividades junto com o professor especializado.



Figura 54 – Quadra escolar da Unidade 1



Figura 55 – Horta Escolar da Unidade 1

Com a modificação do pátio na unidade 1 e abertura da garagem, também foi elaborado um espaço mais amplo para a horta escolar, agora mais acessível aos alunos. Esse espaço é utilizado em projetos de Ciências Naturais, com o plantio de mudas e sementes, oportunizando aos alunos a observação de fenômenos e a realização de experiências.